

Sobre escolhas difíceis: uma análise dialógica da política brasileira em editoriais

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i2.3193>

Fábio Augusto Alves de Oliveira¹

Resumo

Este trabalho, pautado nos estudos bakhtinianos, trata das posições do *Estado de S.P* e do *Le Monde* sobre as eleições presidenciais em 2018. Enunciado é o conceito teórico de análise, com o qual se discute a arquitetura social dos atos de linguagem. Dois editoriais referentes ao contexto eleitoral são selecionados como objeto de análise. O objetivo, por sua vez, é compreender o posicionamento e a interpretação dos jornais na tensão política. Os enunciados se confrontam e disputam a significação de “escolha” e suas situações políticas. A justificativa do artigo é estudar, por meio da teoria bakhtiniana, um momento tenso e relevante para o contexto político no Brasil.

Palavras-chave: estudos bakhtinianos; política brasileira; imprensa; enunciado.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil; fabio.augusto@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-9101-4982>

Des choix difficiles : une analyse dialogique de la politique brésilienne dans les éditoriaux

Résumé

Ce travail, basé sur les études bakhtiniennes, traite des prises de position des journaux *Estado de S.P.* et *Le Monde* sur les élections présidentielles de 2018. L'énoncé est l'élément d'analyse principal, à partir duquel il est possible de discuter l'architecture sociale des actes de langage. Deux éditoriaux concernant le contexte du premier tour électoral sont sélectionnés comme objet d'analyse. L'objectif est de comprendre leurs positionnements et leurs interprétations au sein de la tension politique. Les énoncés se croisent et discutent la signification du « choix » et ses situations politiques. Le travail actuel étudie, à l'aide de la théorie bakhtinienne, un moment de tension majeur du contexte politique brésilien.

Mots-clés: études bakhtiniennes; politique brésilienne; presse; énoncé.

Introdução: a política brasileira na arena

Nas discussões sobre política no Brasil, é possível compreender uma ideia de crise, interpretada sob óticas diversas. Para Almeida (2019), a crise foi desencadeada em 2013, com as manifestações de rua, polarizada em 2014, com as eleições e aprofundada em 2016, com o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. O autor aponta que, a partir desse contexto, um desdobramento recente da crise foi a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018.

Freixo e Pinheiro-Machado (2019) também destacam a relevância das manifestações em 2013, em consonância aos eventos políticos seguintes, para a compreensão da política contemporânea. Para os autores, o *impeachment* agravou a crise política e colocou em cena jogos de interesses de elite empresarial e de grupos de mídia. Todas essas ocorrências, incluído o mandato de Michel Temer, constituem o cenário de desdemocratização e avanço conservador em 2018, na compreensão dos autores.

Nesse cenário de eleições presidenciais, tensas e conturbadas, há, conforme denominação de Freixo e Pinheiro-Machado, o bolsonarismo, fenômeno político que extrapola a figura de Bolsonaro e que se comporta como ideologia ultraconservadora, pautada em aspirações nacionalistas e contrárias ao progressismo. Assim, é possível dizer que o mandato de Bolsonaro implementa um estilo na política brasileira, que evoca respostas diversas: constituição de oposição, enquadramento midiático, resposta de mercado, interação com demais nações, relação com as instituições democráticas e afins.

Boito Junior (2020) caracteriza o governo Bolsonaro e o bolsonarismo como neofascistas. A partir de uma revisão sobre o conceito, o autor relaciona a crise política brasileira com outros contextos nos quais também houve desenvolvimento do fascismo. Essa caracterização aponta novamente para um cenário político no Brasil adverso, contexto de produção dos editoriais que circulam no processo de comunicação discursiva.

Paula e Carvalho (2018) consideram que a campanha de 2018 como a mais incerta desde 1989. Primeiro, citam que a reforma eleitoral² trouxe incertezas aos partidos quanto aos impactos das mudanças, entre as quais a redução do tempo de campanha. Outra incerteza, para os autores, foi a candidatura de Lula da Silva, que liderava as intenções de voto. A condenação e a prisão do ex-presidente o impossibilitaram, também devido à decisão do TSE de indeferir a campanha. Nesse cenário, Haddad assume a frente na campanha petista, com Manuela D'Ávila.

Com a vitória de Bolsonaro em 2018, ocorre uma mudança, segundo Paula e Carvalho (2018), na relação entre mídia e governo, isto é, na constante estabelecida no tratamento de PT e PSDB, partidos que revezaram o poder até 2016. Para os autores, o atual presidente, em sua candidatura, demonstrou, desde o início, comportamento hostil aos principais grupos de mídia no Brasil. Esse fato é importante, pois implica uma relação polêmica e conturbada com a imprensa que marca o governo bolsonarista.

No primeiro turno, em 7 de outubro, Bolsonaro teve 46,03% dos votos, enquanto Haddad, segundo colocado, 29,28%³. “Se o primeiro turno desenhou a oposição entre petismo e antipetismo (que foi capturado pelo bolsonarismo), no segundo, quase como um espelhamento, opuseram-se, na mesma medida, antipetismo e antibolsonarismo.” (ALMEIDA, 2019, p. 204). Esse jogo de forças é o cenário dos editoriais. Com essa disputa em voga, os jornais se dedicam a comentar, interpretar e valorar todo esse momento, por meio de gêneros e de práticas discursivas diversas da esfera jornalística. Desse modo, circulam valores, pela linguagem, sobre as eleições, criando narrativas e realidades sobre o contexto político.

Os enunciados jornalísticos analisados, editoriais *on-line*, tratam da vida social e respondem a esse contexto, no pequeno e no grande tempo da cultura. Com as produções jornalísticas, há significação dos fatos políticos no Brasil. Nos editoriais apresentados, os jornais interpretam a vitória de Bolsonaro e a situação política desta ou daquela forma. Tais significações construídas pelo *Estadão* e pelo *Le Monde* implicam um posicionamento ideológico. O enunciado, assim, parte da vida social, com uma carga ideológica e se mantém em relação ininterrupta na cadeia discursiva.

2 Disponível em: L13487 (planalto.gov.br) e L13488 (planalto.gov.br). Acesso em: 26 ago. 2021.

3 Disponível em: Apuração e resultados para presidente | Eleições 2018 | Folha (uol.com.br). Acesso em: 26 ago. 2021.

Em uma interpretação bakhtiniana, é possível pensar em disputa sógnica. As narrativas construídas ao longo desses anos (em torno de figuras públicas, partidos políticos, da justiça eleitoral etc.) obedecem a forças centrífugas e centrípetas, em relação de embate. Os sentidos e as significações dos eventos políticos também se chocam no signo ideológico: *impeachment* ou golpe? Bolsonaro ou PT, escolha difícil? Segundo Volóchinov (2017), ocorre interação de visões ideológicas em disputa de classes e grupos sociais, acompanhada e interpretada pela imprensa.

Este breve panorama de apontamentos teóricos sobre a situação política esboça uma tensão e revela a urgência de compreender a complexidade das relações que foram tecidas ao longo dos anos na política brasileira. Nessa direção, o presente trabalho objetiva compreender, por meio de análise dialógica, a posição e a interpretação de grandes jornais nesse contexto de disputas sociais. Os jornais, em comparação, divergem na ideia de “escolha”: para o brasileiro é uma decisão difícil, com críticas mais duras ao “esquerdismo”; para o francês, manutenção democrática de um sistema historicamente fragilizado. A disputa pelas significações de “escolha”, portanto, é o ponto central da análise, visto que tal noção norteia os sentidos construídos nos enunciados. Ambos utilizam ferramentas, procedimentos e mecanismos diversos para costurar uma verdade e uma interpretação de mundo.

Nas seções seguintes, são apresentadas compreensões teóricas sobre enunciado no Círculo de Bakhtin e os critérios e motivações para delimitação do tema e do *corpus*. Em seguida, analisam-se os editoriais demonstrando as particularidades linguísticas de cada, interpretando os dados pela ótica bakhtiniana, em busca do posicionamento dos jornais. Por fim, as conclusões retomam os objetivos e fazem um panorama das análises e do contexto em que os editoriais são produzidos.

Os enunciados do Círculo: apontamentos teórico-metodológicos

Os estudos bakhtinianos são a fundamentação teórico-metodológica, perspectiva que se pauta nas relações de sentidos, compreendidas na alteridade. O conceito basilar para a proposta é enunciado, pois dá subsídios para compreender o posicionamento da imprensa na disputa eleitoral. Para Brait e Melo (2005, p. 65), “As noções enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente por que a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social [...]”. Nesse sentido, os editoriais são compreendidos como enunciados concretos, que produzem sentidos de modo situado.

De imediato, é preciso apontar que não há, para a visão bakhtiniana, a ideia de imparcialidade jornalística, visto que todo ato de linguagem possui uma expressão ideológica e um direcionamento social. Mesmo os enunciados que se pretendem “neutros”, ao optar por mencionar tais informações, dando prestígio a determinados pontos, apresentam

um teor ideológico. “Na verdade, qualquer enunciado real, em um grau maior ou menor e de um modo ou de outro, concorda com algo ou nega algo.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 197). Em consonância a Mont’Alverne e Marques (2015), o jornalismo possui juízos de valor, manifestando-os como visão de mundo, desde o editorial mais complexo à notícia corriqueira do dia, e se comporta, portanto, como instituição midiática, que baliza ações sociais.

Motta (2002, p. 13) considera que “Não há poder sem imprensa nem imprensa sem poder. Ambos estão historicamente relacionados.”. Em termos bakhtinianos, é possível apontar que, em torno de todo processo de discurso jornalístico, forças sociais se confrontam, constituindo o diálogo e tecendo relações dialógicas. Nesse sentido, em todo gênero discursivo, a estrutura enunciativa, sendo social e situada, apresenta uma posição de valor, com um endereçamento e a fim de respostas.

É possível encontrar, em escritos de Bakhtin (2011, 2016), Volóchinov (2019, 2017) e Medviédev (2012) considerações sobre o caráter do enunciado. Em todos, o aspecto social é basilar. O enunciado, para o Círculo, compreende uma materialização da realidade, na qual estão presentes valorações e juízos ideológicos. A língua e a linguagem, por consequência, são concebidas na interação social, meio em que o enunciado é produzido, ligando-se, como aponta Bakhtin (2011, p. 296), a uma cadeia discursiva. “Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo.”. Os editoriais analisados são construções de valor e respostas ao acontecimento político segundo turno das eleições presidenciais de 2018 no Brasil.

Bakhtin (2011, p. 297, grifo do autor) aponta que “Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra ‘resposta’ no sentido mais amplo) [...]”. Isto porque a essência do enunciado, aquilo que o torna vivo, é justamente a responsividade, a capacidade de ser e provocar respostas na interação discursiva, socialmente situada. Tal processo de resposta abarca o movimento discutido aqui entre o jornalismo e a política: o discurso de figura pública, a movimentação no Senado/Câmara, ações de chefes de estado etc. são práticas sociais que reverberam na imprensa, a qual produz novos sentidos na comunicação discursiva.

Para Medviédev (2012, p. 183), “Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também um conjunto material peculiar – sonoro, pronunciado, visual –, o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social.”. Como ato de linguagem, o enunciado ganha sentido na interação discursiva, entre sujeitos também situados, expressando valor, em relação à vida social. Em um processo dialógico, as materialidades enunciativas (verbais, visuais, sonoras) são arquitetas, mediante aspirações ideológicas de um projeto de dizer. No caso dos editoriais, como recorte metodológico, a materialidade verbal é o foco da análise.

A ideologia está na linguagem, para o Círculo, e orienta a estrutura social do enunciado. “Com efeito, no horizonte ideológico de qualquer época e de qualquer grupo social não existe uma única verdade, mas várias verdades mutuamente contraditórias, não apenas um caminho ideológico, mas vários divergentes.” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 63). Tanto o *Estadão*, quanto o *Le Monde* arquitetam narrativas sobre a política brasileira, das quais os editoriais fazem parte. São basilares, nesse sentido, as aspirações ideológicas, que, na estrutura enunciativa, deixam marcados posicionamentos diversos relativos à política, a figuras públicas e ao próprio caráter do jornalismo exercido.

Além da responsabilidade, a significação e avaliação do enunciado são características teóricas relevantes à análise. Para Volóchinov (2017, p. 236, grifo do autor), “Não existe um enunciado sem avaliação. Todo enunciado antes de tudo é uma *orientação avaliativa*. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa mas também avalia.”. Compreendido como concreto, situado e responsivo, o enunciado também produz valorações na comunicação discursiva. Os editoriais analisados apresentam, de modo geral, uma noção de que a vida política brasileira está conturbada. Aliada a elementos distintos, como processo de referência histórica e de identidade, essa noção ganha outros sentidos e elabora teses distintas entre os editoriais.

Na esfera jornalística, ocorrem diversos gêneros discursivos, entre os quais o editorial se destaca quanto à exposição de viés ideológico. Para Mont’ Alverne e Marques (2015, p. 127-128), “É no texto editorial que o jornal – de forma explícita – sai de uma condição de imparcialidade (reivindicada na seção de notícias) e assume ter posições acerca dos mais diversos temas de concernência pública.”. O gênero editorial, pensado a partir do Círculo, é um *tipo relativamente estável* (BAKHTIN, 2011, p. 262) que tem uma função, aliada a práticas sociais, na esfera jornalística. Por suas características de conteúdo temático, estilo e construção composicional, o editorial é relevante, pois é meio pelo qual a imprensa se posiciona, de modo mais aberto e explícito. Portanto, a opinião e o posicionamento nos editoriais são elaborados por *Estadão* e *Le Monde*, autores de tais projetos de dizer.

A relação entre o enunciado e seu contexto é um princípio metodológico. “De fato, é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico.” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 185). Na visão do Círculo, os atos de linguagem são produzidos na vida social, na interação discursiva. O cenário conturbado da política brasileira faz parte da constituição desses enunciados. Cada um, contudo, em suas particularidades, produz significações distintas a respeito desse contexto político. Nasceram como respostas a tal momento e se cruzam na cadeia discursiva, de modo que não se pode separá-los do contexto e das condições específicas de produção.

A escolha pelo *Estadão* se deu pela tradicionalidade e influência no jornalismo brasileiro, conforme explana Azevedo (2018). O editorial em análise do *Estadão* circulou nas redes sociais⁴, suscitando respostas diversas. A polêmica em torno do editorial justifica a escolha. Nesse sentido, a opção pelo *Le Monde* se dá também pela tradicionalidade e influência do jornal francês mundialmente (MOLINA, 2007). Como aponta Hoffmann (2018, p. 22): “*Le Monde* é o veículo de comunicação francês de maior relevância internacional, conhecido por suas matérias extensas e análises aprofundadas, tanto sobre assuntos relacionados à França quanto sobre temas de importância em outros países.”. São, portanto, jornais relevantes socialmente. Conforme tratado na introdução, as eleições de 2018 foram/são um momento de forte tensão política e essa polêmica justifica, em termos teóricos e sociais, a análise.

Para Medviédev (2012, p.185), “Entender um enunciado significa entendê-lo no contexto da sua contemporaneidade e da nossa (caso elas não coincidam). É necessário compreender o sentido no enunciado, o conteúdo do ato e a realidade histórica do ato em sua união concreta e interna.”. No processo de análise, então, parte-se da construção de língua dos editoriais para compreender o que tais palavras e demais recursos significam e valoram sobre a política brasileira. As arquiteturas linguísticas, em português e francês, são situadas e orientadas por um projeto de dizer, que possui juízos de valor e pretende uma interpretação da vida social. Assim, a partir da palavra como signo, que significa socialmente e na relação, o diálogo se constitui.

Sobre escolhas difíceis: análise dialógica dos editoriais

Os editoriais⁵, publicados após o resultado do primeiro turno em 2018, mantêm uma relação dialógica entre si e com os demais atos de linguagem fora desse período. Para Bakhtin (2011, p. 297), “Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva.”. Os jornais, então, avaliam e significam as eleições e a vida política no Brasil, produzindo opiniões distintas, orientadas socialmente. A ideia de “escolha” é eco e ressonância dialógicos e baliza os editoriais, cada um a seu modo e juízo. Essa disputa, então, é o centro das discussões, tendo em vista o momento de crise política e social e a dialética do signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2019).

O *Estadão* faz um breve panorama da política brasileira e das eleições até então. O jornal apresenta os protagonistas, Bolsonaro e Haddad, e compreende que há um confronto de extremos, marcado por uma oposição. Apresenta e opina os lados desse antagonismo, com, em geral, desaprovação de ambos. Nesse percurso, realiza um mecanismo de argumentação, a elaboração de um “eleitor” indeciso e para o qual a “escolha é difícil”.

4 Disponível em: Twitter. Acesso em: 11 ago. 2021.

5 Disponíveis em: Uma escolha muito difícil – Opinião – *Estadão* (estadao.com.br) e Election présidentielle au Brésil : la démocratie menacée (lemonde.fr). Acesso em: 26 ago. 2021.

O segundo turno, para o editorial, opõe candidaturas nutridas por antagonismos. Nesse primeiro momento, destaca-se o sentido de oposição, orientado por um campo semântico do distanciamento, que marca as eleições e o contexto político. Com o fato da ausência de candidato de centro, o editorial aponta que o “eleitor” optou pelos “extremos”. Essa construção, com apelo à menção histórica da redemocratização, auxilia a tese da “escolha difícil”, pois é construída, já no primeiro parágrafo, a equivalência entre Bolsonaro e Haddad.

Ocorre a divisão (por meio das construções “por um lado” e “por outro”) entre o “truculento apologista da ditadura militar” e o “preposto de um presidiário”. São características, portanto, de valor que identificam, respectivamente, o “direitista” e o “esquerdista”. A referência da identidade é a ditadura militar para Bolsonaro, e, para Haddad, a prisão de Lula da Silva, alusões que os marcam negativamente. Há um esforço, por meio de paralelismo, de tratar igualmente os sujeitos políticos. Assim, essas caracterizações constroem um sentido social de desaprovação e crítica, tanto para os candidatos, quanto para o cenário político.

Outra caracterização de Bolsonaro, que se junta à identidade de “truculento apologista da ditadura”, é a “absoluta ignorância” em economia. Fato que, para o “eleitor”, significa dificuldade de saber propostas quanto ao “imminente desastre fiscal”, menção que demarca o país no editorial. Paulo Guedes é citado como resposta de Bolsonaro a debates econômicos, mas mesmo o economista é “vago”. Essa relação é lembrada por um descompasso entre o dito de Guedes e o ordenado de Bolsonaro. Em geral, é possível apontar um sentido de despreparo e vagueza no candidato “direitista”.

Quanto à propaganda eleitoral, o sentido negativo para Bolsonaro permanece, porque é dito que o candidato da direita optou pelas redes sociais, marcadas como “interditado ao contraditório” e “propício ao discurso do ódio”. Essa associação de Bolsonaro às redes o aproxima dessas características e reitera o despreparo, agora em relação ao debate público. Nessa caracterização e constituição da identidade de Bolsonaro, há um processo de respostas: o editorial responde à presença pública, às falas “vagas”, aos posicionamentos de Bolsonaro, em forma de desaprovação e crítica. Na visão de Volóchinov (2017, p. 184), “Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta.” Assim, o editorial é posição responsiva do *Estadão*, na qual constitui um juízo ideológico sobre Bolsonaro e suas atuações. Do mesmo modo, nesse processo dialógico, são desenvolvidas noções sobre Haddad e o cenário político.

Diferente das propostas do “direitista”, as do “esquerdista” são conhecidas. Essa separação ocorre pelo valor atribuído aos candidatos: para Bolsonaro, a vagueza e possível inexistência; para Haddad, o conhecimento, pois elas colocaram o país em crise. Nesse sentido, é relevante destacar que, no editorial, há um campo denominado

“lulopetismo”, que engloba não só Haddad, mas todas as associações a Lula da Silva e ao PT, diferente do tratamento dado a Bolsonaro. A partir de Bakhtin (2017), é possível compreender um processo de constituição de identidades entre “eu” e “outro”, em uma cadeia discursiva. São mobilizadas outras referências, dialogicamente, para construir o “esquerdista” e o “direitista”: a carga valorativa de Lula e PT (prisão, corrupção) e Guedes e Ditadura (vagueza, despreparo, discurso de ódio), respectivamente. As características que os demarcam são orientadas pela visão do editorial e, assim, a identidade de ambos tem um fim claro, de modo a construir um “antagonismo” e tecer negativamente representações políticas.

O editorial faz menção ao ex-presidente Lula por conta das candidaturas anteriores e principalmente pelas “malfeitorias com dinheiro público”, que o impossibilitaram de se candidatar. A identidade de Haddad se encontra na impossibilidade: “regra-três” e “porta-voz de presidiário”, identificações do político no editorial, que compreende ser uma “desonra” e um “rebaixamento” o processo eleitoral por causa da “substituição” Lula por Haddad. Destaca-se o termo “docilmente” que faz uma avaliação da conduta de Haddad ao ser “substituto” de Lula. Ainda, situa a racionalidade (movimentos e planos) da campanha na cela do ex-presidente. Com isso, o *Estadão* pontua que a candidatura “lulopetista” está associada a problemas e entraves eleitorais, à prisão e às ocorrências em torno de Lula da Silva.

Ao mencionar a crise, *Estadão* a relaciona ao campo “lulopetista”, agora de forma mais enfática. O termo “gerada” liga a crise à “irresponsabilidade lulopetista”, reiterando as associações de culpa e integrando um rol de ligações negativas. As propostas desse campo ora são vistas como “barbárie”, ora são alvo de trocadilho (promessa e ameaça). A descrição, com esse tom crítico e jocoso, é negativa e tece um peso maior a esse campo.

Diante do exposto, o *Estadão* não só se posiciona diante das eleições, como atribui valor à vida política no Brasil. É possível afirmar, então, que o editorial faz escolhas ideológicas ao tratar tanto de Bolsonaro, quanto de Haddad da forma como o faz. O jornal finaliza fazendo remissão à campanha e afirma que a passagem de Bolsonaro e de Haddad ao segundo turno se deu pelos antagonismos, indefinições e confusões, que marcam o período eleitoral, conforme a ideia do enunciado. Para Volóchinov (2017, p. 237), “A formação do sentido na língua está sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social [...]”. A construção do enunciado está condicionada ao horizonte social em que o sujeito interage. Em uma gama de possibilidades linguísticas, aquelas que satisfazem determinado projeto de dizer são selecionadas. Há um movimento íntimo e complexo, portanto, entre os modos de dizer e o contexto de produção.

Ao longo do editorial, ocorrem mais identificações negativas do campo “lulopetista”, em comparação a Bolsonaro. Há uma preocupação, apesar da aparente “dificuldade” de escolha, em traduzir a candidatura de Haddad como mais danosa, devido ao que

representou o PT ao país e às propostas da campanha. As caracterizações de Haddad, inserido no “lulopetista”, são mais negativas, tendo em vista o processo eleitoral, a economia, a crise política e os casos de corrupção.

Assim, “escolha” se constitui como palavra na acepção de signo ideológico. Para Volóchinov (2019, p. 317), “[...] a palavra torna-se uma arena para a luta de classes, um palco para a disputa de opiniões e interesses de classe diversamente orientados.”. Para o *Estadão*, diante de todas as valorações que atribui no editorial, a escolha é “muito difícil”, porque, para essa voz social, os extremos “se igualam”, e há um projeto ideológico que pauta esse projeto de dizer. São interesses sociais que mobilizam o enunciado para produzir sentidos de “antagonismo”, “extremos” e aparente equivalência. Assim, são construídas realidades e visões de mundo sobre as eleições presidenciais, com propósitos e interesses definidos.

Debatido que “escolha” é um signo ideológico, em que se chocam interpretações e valores da vida social, destaca-se a pluralidade significativa: *Le Monde*, diferente do *Estadão*, traz uma valoração de “escolha” que compreende a manutenção da democracia em oposição a um regime populista conduzido por um candidato de extrema direita. De início, a caracterização de Bolsonaro entre os editoriais se choca, pois o jornal francês reitera diversas vezes e de modo mais profundo a designação negativa, referenciando toda a vida e as aspirações políticas de Bolsonaro. Outra diferença é que, para o *Le Monde*, a escolha é clara, diante do que representam Haddad e Bolsonaro. Ocorre, portanto, um conflito de visões sociais, que são materializadas na língua, produzindo sentidos distintos, com termos e construções outras.

Para Bakhtin (2011, p. 289), “Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido.”. Os editoriais são compreendidos nessa lógica: relação um com o outro e entre demais enunciados, em um contexto social, no qual todos possuem uma valoração. As leituras das identidades de Haddad e Bolsonaro são distintas entre os editoriais, processo que acarreta outras diferenças. A história brasileira também é citada para fundamentar as argumentações e teses de cada jornal. Como posição, os jornais expressam interpretações sociais da vida política, materializadas na linguagem de modo específico.

O editorial francês estabelece uma ligação, desde o início, entre candidatura de Bolsonaro e uma ameaça democrática. A identidade de Haddad, até o momento, não é mencionada, de modo a atribuir ao candidato de extrema direita a atenção. A vitória no primeiro turno é lembrada como a possibilidade de, com Bolsonaro, o país “entrar/tombar/mudar bruscamente” em um regime populista. Desse modo, o jornal francês afirma que não se trata de uma alternativa democrática clássica para brasileiros, no segundo turno, mas sim de uma *escolha* política e social fundamental entre a manutenção da democracia e um regime populista.

As primeiras identificações se diferem das vistas no *Estadão*: aqui, Bolsonaro é extrema direita e oferece perigo à democracia brasileira. A construção da escolha, portanto, é diferente, e, para o jornal francês, é o próprio regime democrático em perigo. Essa primeira distinção implica uma visão social outra, que traz consigo outra gama de valorações e termos para caracterizar o cenário. Nesse início, o editorial mobiliza um valor: o regime democrático.

Em seguida, apresenta-se uma “biografia” de Bolsonaro: idade, porcentagem de votos, posição militar. Preferências políticas radicais e visão primária da sociedade são menções ideológicas feitas pelo editorial, que caracteriza, ainda, o político como racista, misógino e homofóbico, cuja carreira como deputado é insignificante. Esse rol de designações compreende uma interpretação da realidade, na qual Bolsonaro significa ameaça à democracia e onda reacionária.

Tais definições, tanto de Bolsonaro, quanto da vida política no Brasil, são construídas por meio da língua, que se orienta conforme a ideologia e voz social, conforme já debatido. Na compreensão de Medviédev (2012, p. 56), “O meio ideológico é o meio da consciência. Somente por meio dele e com seu auxílio a consciência humana abre caminho para o conhecimento e para o domínio da existência socioeconômica e natural.”. O “eleitor” do *Le Monde* encontra não uma “escolha muito difícil”, mas sim uma posição de manter a democracia. Essa diferenciação se respalda nos distintos meios ideológicos nos quais os jornais produzem e se posicionam.

A identidade de Bolsonaro, no editorial, está associada à ditadura militar, entendida como “período sombrio”, na medida em que o político traz lembranças desse momento histórico. Nesse caminho, a ideia de Bolsonaro sobre criminalidade e segurança pública (“bandido bom é bandido morto”), para o editorial francês, aproxima-o da imagem do presidente filipino Duterte⁶. A comparação focaliza o caráter armamentista em Bolsonaro, de modo negativo, uma vez que tais concepções, para o editorial, se afastam do Estado de Direito, reforçando a tese de ameaça que Bolsonaro representa. Nesse rol, entram Mourão, vice-presidente, o “autogolpe de Estado” e a Constituição sem aval do Congresso. O editorial seleciona determinadas falas de Bolsonaro, de Mourão e os valores defendidos por eles para construir verdade à tese de ameaça.

Com uma recessão histórica, Bolsonaro, para o jornal, captou a raiva de eleitores devastados pelo momento social. Para o editorial, soube, ainda, aproveitar a ânsia de mudanças de uma parte do país, frente aos 12 anos e meio de PT. Os termos usados pelo jornal se enquadram em um campo de paixões “negativas”: raiva e rancor/ressentimento são os sentimentos que Bolsonaro usou para a ascensão, fato que já caracteriza o “motor”

6 Mais informações em: Rodrigo Duterte: quem é o presidente das Filipinas comparado a Bolsonaro no exterior que quer criar ‘esquadrão da morte’ - BBC News Brasil. Acesso em: 26 ago. 2021.

da campanha. Há uma menção ao PT, pelo período em que esteve no poder e pelos “erros” cometidos. O editorial, portanto, enlaça Bolsonaro e PT na recessão histórica: o primeiro aproveitando-se de insatisfações oriundas e erros do segundo. Desse modo, ainda, caracteriza parte da vida social em que as eleições ocorrem.

Afirma-se a campanha como caótica: Lula da Silva preso por corrupção, e Bolsonaro esfaqueado. Nesse cenário, é consagrado o “crepúsculo do lulismo”. Comparando as possibilidades no segundo turno, o jornal afirma que a rejeição ao PT é explicada pelos “muito numerosos” erros políticos, econômicos e éticos, junto aos grandes casos de corrupção. A natureza e a quantidade são definidas, de modo a responsabilizar o PT (compreendido como esquerda, na acepção do editorial) pela rejeição eleitoral.

Le Monde, ao interpretar a vitória de Bolsonaro, expressa valor. Para Volochinov (2013, p. 166, grifo do autor): “Todas as enunciações se construirão precisamente com base em sua visão; suas possíveis opiniões e valorações determinarão a ressonância interna ou externa da voz – a *entonação* – e a *escolha* das palavras e sua *composição* numa enunciação concreta.”. Com um fim ideológico, o jornal francês mobiliza outros recursos, termos linguísticos e referências para desenvolver a tese de ameaça democrática.

Enfatiza-se que não é possível colocar em mesmo nível de igualdade PT e Bolsonaro, porque, conforme o editorial, Lula e seus herdeiros/sucessores jamais colocaram o processo democrático brasileiro em perigo. Essa visão do jornal francês se diferencia radicalmente da “escolha difícil”, respondendo aos impasses vistos no editorial brasileiro. Trata-se, além de uma posição ideológica de conceber o cenário político, de um valor de jornalismo e de verdade. Isso porque a compreensão e a composição de sentidos são sempre relacionais, conforme Volochinov (2017), de tal forma que a assunção de uma “escolha difícil” provoca uma ideia de jornal e de ótica de realidade. Ainda comparando PT e Bolsonaro, é apontado que o governo petista saiu do poder mediante o processo de *impeachment*, cuja legalidade é contestada. Em contraponto, a presidência de Bolsonaro implicaria grandes ameaças à jovem democracia brasileira. A comparação reforça a tese e esboça essa diferença, mobilizando o valor principal que o *Le Monde* reitera, a democracia e suas instituições.

O editorial, por fim, relaciona a situação no Brasil à vivida na Europa e nos Estados Unidos, no sentido de uma onda reacionária, com candidatos antissistema. No contexto brasileiro, Bolsonaro, lembrado novamente pelo apego à ditadura, está centrado nessa onda. *Le Monde* finaliza apresentando que a questão é a manutenção do regime democrático, face a uma fragilidade histórica. Na composição da identidade de Bolsonaro, a referência à ditadura é mais explorada no sentido de tecer negativamente uma visão de sujeito público. Nessa lógica, como visto acima, entra o contexto político europeu e norte-americano para constituir, dialogicamente, quem é Bolsonaro para o *Le Monde* nesse editorial.

A grande diferença ideológica, portanto, é a “escolha”, que provoca teses opostas. Assim, o jornal brasileiro se dedica a igualar os extremos, ao passo que o francês, a discutir a ameaça representada por Bolsonaro. A política brasileira, contudo, é compreendida como, em geral, conflituosa e tensa, durante as eleições de 2018. Nessa distinção, é possível observar um grau de afastamento. Diante da suposta igualdade, *Estadão*, nas entrelinhas, constrói uma carga negativa maior ao PT, atribuindo-lhe o peso da crise e tecendo críticas mais longas. Desse modo, afasta-se mais do campo “lulopetista” e esboça um lado na escolha. *Le Monde*, por sua vez, explicitamente aponta características de Bolsonaro que o tornam ameaça à democracia. Nessa escala, o jornal francês mantém uma distância maior de Bolsonaro, se comparado ao *Estadão*.

Outro ponto é o mecanismo do “eleitorado/eleitor”. Ambos os jornais o fazem, mas *Estadão* constrói para acompanhar a própria opinião, ao passo que *Le Monde* o faz presente para esboçar a porcentagem de votos na eleição. São orientados de modos distintos, portanto. Esse “mesmo” eleitor é motivado de modo diferente nos editoriais, respondendo à orientação ideológica de ambos. A estratégia do “eleitor” serve ao editorial brasileiro para exemplificar e consolidar uma posição do próprio jornal, a escolha muito difícil. Assim, tal ideia de um “eleitor” faz parte de um mecanismo de persuasão, que constrói um sujeito não identificado, para o qual as candidaturas são extremas e negativas. Com esse procedimento, o editorial desloca essa “visão eleitoral” para corroborar as ideias e valores apresentados e dar engajamento à “escolha difícil”.

Guilbert (2020) trata da “opinião pública” na análise de discurso neoliberal na mídia francesa. O pesquisador explica como, entre outros aspectos, uma opinião pessoal é convertida em compartilhada e, assim, torna-se evidência. Nessa direção, a partir das discussões do autor, é possível pensar que o “eleitor” visto no *Estadão* é um mecanismo pelo qual o jornal projeta a própria visão ideológica do momento político, mas abstendo-se com esse procedimento. Desse modo, as caracterizações feitas ao longo do editorial ganham força, na medida em que esboçam um quadro de “dificuldade” ao “eleitor”.

Com o princípio de que o enunciado é responsivo, os editoriais respondem uns aos outros e ao contexto social. Para Bakhtin (2011, p. 298, grifo do autor), nesse sentido: “A expressão do enunciado, em maior ou menor grau, *responde*, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado”. As valorações vistas dizem respeito não apenas à vitória de Bolsonaro e ao panorama de segundo turno, mas sim à vida política e suas tensões anteriores. A concepção de jornalismo também entra em jogo, tendo em vista a realidade que cada jornal preconiza e produz a partir do rol de referências e alusões. São posições de grandes veículos de comunicação que impactam a disputa eleitoral e fazem circular valores.

A relação dialógica entre os editoriais é também a relação de contraste de visões de mundo e conflitos sociais. O contexto eleitoral de 2018 se relaciona com outros momentos na

história brasileira e com cenários estrangeiros, como presente nos editoriais. “Ao dizer que certas palavras são verdadeiras ou falsas, justas ou tendenciosas, sensatas ou insensatas, profundas ou superficiais, fazemos juízo não em relação às próprias palavras, mas à *realidade* que é refletida e refratada nas palavras-signos.” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 316). A vitória de Bolsonaro no primeiro turno provoca várias respostas e compreensões, de modo que um “mesmo” evento político instiga distintas sensações discursivas, construídas na linguagem. Trata-se, assim, de fragmentos de uma cadeia ininterrupta e polêmica de respostas.

Nas escolhas finais

Este artigo analisou dois editoriais, um do *Estadão* e outro do *Le Monde*, sobre o contexto de eleição presidencial de 2018 no Brasil. Pautado no pensamento do Círculo de Bakhtin, o procedimento de análise focalizou editoriais, pela relevância desse gênero na esfera jornalística. Com o objetivo de compreender a posição dos editoriais sobre esse contexto, o artigo teve como base teórica o conceito bakhtiniano de enunciado. O primeiro momento do artigo fez uma breve contextualização da política brasileira e da problemática trabalhada. Em seguida, discutiu-se a relevância do gênero editorial, com respaldo na conceituação de enunciado no Círculo. Por fim, a análise centralizou a divergência ideológica presente na noção de “escolha”.

A ideia de escolha, como palavra na acepção de signo (VOLÓCHINOV, 2019, 2017, 2013), é um local de disputa para os editoriais. Para *Estadão*, diante do que representam Haddad e Bolsonaro, a escolha é “difícil”. O jornal, contudo, estabelece uma referência mais negativa ao campo “lulopetista”. *Le Monde*, por sua vez, compreende, por meio de outros processos de referência e identificação, que a escolha é clara em prol do sistema democrático, para o qual Bolsonaro representa perigo. Os jornais se posicionam, portanto, nesse contexto eleitoral, produzindo determinada narrativa associada a um projeto de dizer. Debateram-se a forma e a posição ideológica da imprensa em relação à política, analisando a dialogicidade constitutiva desse processo.

Tais confrontos ideológicos são materializados na língua. Com respaldo da teoria bakhtiniana, foi possível compreender parte das relações que constituem esses enunciados em ligação ao contexto de produção. Dialógico, esse processo comunicativo esboça a relação intrínseca entre linguagem, sociedade e sujeito. Mobilizando determinados recursos e procedimentos linguístico-discursivos, os jornais respondem ativamente a um contexto conturbado, constituindo e integrando a cadeia de comunicação social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estud. CEBRAP*, v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019.

AZEVEDO, F. PT, eleições e editoriais da grande imprensa (1989-2014). *Opinião pública*, v. 24, p. 270-290, 2018.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução, organização, notas e posfácio por Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016.

BOITO JUNIOR, A. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. *Crítica marxista*, v. 50, p. 111-129, 2020.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/Enunciado Concreto/Enunciação. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 61-78.

FREIXO, A. de; PINHEIRO-MACHADO, R. Dias de um futuro (quase) esquecido: um país em transe, a democracia em colapso. In: FREIXO, A. de; PINHEIRO-MACHADO, R. (org.). *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

GUILBERT, T. *As evidências do discurso neoliberal na mídia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

HOFFMANN, A. *A Lava Jato na imprensa francesa: processos midiáticos e enquadramentos de um escândalo político*. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2018.

MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MOLINA, M. *Os melhores jornais do mundo*. Uma visão da imprensa internacional. São Paulo: Globo, 2007.

MONT'ALVERNE, C.; MARQUES, F. A opinião da imprensa no Jornalismo Brasileiro: um estudo sobre a função e a influência política dos editoriais. *Estudos em jornalismo e mídia*, v. 12, n. 1, p. 121-137, 2015.

MOTTA, L. Apresentação. In: MOTTA, L. (org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Editora da Unb, 2002.

PAULA, C. de; CARVALHO, A. Mídia e governabilidade: o que esperar da relação do Executivo federal com a grande mídia tradicional? In: DANTAS, H. (org.). *Governabilidade, para entender a política brasileira*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2018.

VOLOCHÍNOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Rio de Janeiro: 34, 2019.

VOLOCHÍNOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.